

# **Associações de Bancos no Brasil: um estudo sobre a Federação Brasileira de Bancos**

RAFAEL VAZ DA MOTTA BRANDÃO<sup>1</sup>

## ***Introdução***

A análise das relações entre Estado e sistema financeiro representa um grande desafio para a compreensão do capitalismo contemporâneo. O presente artigo tem como objetivo o estudo do sistema financeiro brasileiro e de seus agentes a partir da análise das transformações na estrutura e na dinâmica da mais importante entidade de representação de classe dos banqueiros no Brasil: a Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN), frente ao processo de internacionalização do sistema financeiro brasileiro na década de 1990. Dessa forma, espera-se contribuir para o entendimento da organização dos grupos dominantes no Brasil.

## ***O Poder dos Bancos no Capitalismo Contemporâneo***

O sistema financeiro passou por importantes transformações, tendo apresentando como características principais a liberalização dos fluxos de capitais e a desregulamentação dos mercados financeiros nacionais. O conjunto mais amplo destas transformações do sistema financeiro deve ser entendido como o resultado de uma nova fase do processo de acumulação capitalista, tendo recebido diferentes denominações: “ciclos sistêmicos de acumulação” (ARRIGHI, 1996); “financeirização global da riqueza” (BRAGA, 1997); “tirania financeira” (FITOUSSI, 1997) e “regime de acumulação predominantemente financeiro” (CHESNAIS, 1998). Em linhas gerais, esta nova fase do capitalismo contemporâneo – marcada pela posição hegemônica assumida pelo capital financeiro – pode ser entendida como aquela em que as finanças estão localizadas no centro das relações econômicas e sociais (CHESNAIS, 2005: 36). Desta forma, os grandes grupos financeiros subordinam governos e mercados às dinâmicas do capital especulativo.

O contexto macroeconômico mundial apresenta, atualmente, características bem particulares que permitem identificar este novo processo de acumulação capitalista,

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista do CNPq

como: taxas de crescimento do PIB significativamente baixas; alto nível de desemprego estrutural; elevação crescente dos índices de pobreza das classes trabalhadoras; sobrevalorização da moeda em relação a mercadorias e serviços; marginalização de regiões e continentes inteiros em relação ao sistema mundial de trocas; conjuntura econômica instável, marcada por crises financeiras cada vez mais frequentes, que fragilizam a economia mundial e afetam a economia interna dos diversos países ao redor do mundo (CHESNAIS, 1995: 01).

No Brasil, a elevada capacidade de remuneração do capital financeiro é garantida não apenas pelo elevado *spread* bancário (diferença entre a taxa de captação dos bancos e os juros cobrados nos empréstimos) e por altas taxas de juros cobradas nas operações de crédito, mas também por aplicações em títulos da dívida pública (MINELLA, 2007: 100). Entre os anos de 1995 e 2001, os bancos registraram um lucro de aproximadamente R\$ 21 bilhões. No mesmo período, a lucratividade dos 30 maiores bancos do país cresceu 313% <sup>2</sup>.

### ***A Internacionalização do Sistema Financeiro Brasileiro***

A liberalização dos fluxos de capitais, as políticas de desregulamentação e as privatizações dos bancos estaduais resultaram em uma crescente participação, no sistema financeiro brasileiro, de instituições controladas pelo capital estrangeiro <sup>3</sup>.

A internacionalização do sistema financeiro brasileiro pode ser observada na comparação entre o ranking dos dez maiores bancos privados do Brasil entre junho/1994 e dezembro/2000.

---

<sup>2</sup> JORNAL DO BRASIL, 21/11/2001. VER INDICAÇÃO CORRETA.

<sup>3</sup> As distintas frações do capital devem ser identificadas a partir dos lugares e funções que diferentes conjuntos de capitais ocupam no processo de acumulação capitalista. Existem, ao menos, quatro modalidades – não excludentes – de se identificar, distinguir e caracterizar as diversas frações do capital: 1) a oposição clássica entre produção e circulação, que identifica, de um lado, o capital produtivo (agrário e industrial) e, de outro, as diferentes formas que podem ser assumidas pelo capital-dinheiro (comercial e financeiro); 2) a identificação pela origem ou procedência do capital: nacional, internacional (estrangeiro) ou associado; 3) a distinção do porte do capital: pequeno, médio ou grande; 4) a distinção pelo lugar da realização dos lucros: mercado interno, mercado externo ou ambos os mercados. FILGUEIRAS, Luiz. O neoliberalismo no Brasil: estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico. *Neoliberalismo y Sectores Dominantes: tendencias globales y experiencias nacionales*. IN: BASUALDO, Eduardo e ARCEO, Enrique. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. Agosto, 2006, p. 180.

**RANKING DOS DEZ MAIORES BANCOS PRIVADOS DO BRASIL POR  
TOTAL DE ATIVOS**

<b>Junho/1994</b>	<b>Junho/1994</b>	<b>Dezembro/2000</b>	<b>Dezembro/2000</b>
<b>Ranking</b>	<b>Bancos</b>	<b>Ranking</b>	<b>Bancos</b>
1°	Bradesco	1°	Bradesco
2°	Itaú	2°	Itaú
3°	Bamerindus	3°	Santander (*)
4°	Nacional	4°	Unibanco
5°	Unibanco	5°	ABN-Amro
6°	Real	6°	Safra
7°	Safra	7°	HSBC
8°	BCN	8°	BankBoston
9°	Lloyds	9°	Citibank
10°	Econômico	10°	Sudameris

(\*) Inclui o Banco do Estado de São Paulo (BANESPA)

FONTE: BANCO CENTRAL DO BRASIL.

Segundo os dados fornecidos pelo Banco Central, em junho/1994, somente um banco estrangeiro aparecia entre os dez maiores bancos privados do Brasil: o Lloyds Bank (Lloyds TSB Group) ocupava apenas a nona posição. Em dezembro/2000, nada menos do que seis bancos estrangeiros apareceriam entre as dez maiores instituições financeiras do país: Santander (Grupo Santander Central Hispano); ABN-Amro Bank (ABN-Amro Holding NV); HSBC (HSBC Holding); BankBoston (Fleet Boston Financial Corporation); Citibank (Citigroup) e Sudameris (Banca Intesa SPA). Com exceção do Sudameris, todos os demais bancos estrangeiros estavam entre os cem maiores grupos econômicos presentes no Brasil (MINELLA, 2006: 20).

O crescimento da participação dos bancos estrangeiros também pode ser observado na análise do número total de instituições bancárias (públicas, privadas nacionais e privadas estrangeiras).

**NÚMERO TOTAL DE INSTITUIÇÕES POR CONTROLE DE CAPITAL  
(1995/2000)**

<b>Instituições</b>	<b>1995</b>	<b>1996</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>
<b>Bancos Públicos</b>	32	32	27	23	19	19
<b>Bancos Privados</b>	210	199	190	180	175	176
<b>Nacionais</b>	173	159	145	122	108	107
<b>Estrangeiros</b>	37	40	45	58	67	70
<b>Total de Bancos</b>	242	231	217	203	194	195

FONTE: BANCO CENTRAL DO BRASIL.

Em 1995, havia 242 bancos (públicos e privados) no sistema financeiro brasileiro. Deste total, apenas 37 eram bancos estrangeiros (15,2%). Em 2000, muito embora o número total de bancos tenha caído para 195, resultando direto do processo de concentração no sistema financeiro nacional, a participação de instituições estrangeiras aumentaria não apenas em termos absolutos (passando para 70), como também aumentaria em termos percentuais (passando para 35,8%).

Da mesma forma, é importante observar o aumento da participação percentual dos bancos estrangeiros no controle sobre as operações de crédito, passando de 5,7% em 1995 para 25,5% em 2000.

**PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL NO CONTROLE SOBRE AS OPERAÇÕES  
DE CRÉDITO (1995/2000)**

<b>Instituições</b>	<b>1995</b>	<b>1996</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>
Bancos Públicos	62,3	58,4	52,6	53,7	48,0	39,6
Bancos Privados	37,7	41,6	47,4	46,3	52,0	60,4
Nacionais	32,0	32,9	35,6	31,3	32,0	34,9
Estrangeiros	5,7	8,7	11,8	15,0	20,0	25,5
<b>Total</b>	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: BANCO CENTRAL DO BRASIL.

## ***A Federação Brasileira de Bancos - FEBRABAN***

Em novembro de 1967, por iniciativa da ASSOBESP (Associação de Bancos do Estado de São Paulo), constituiu-se a Federação Brasileira das Associações de Bancos (FEBRABAN), que mais tarde passaria a se chamar Federação Brasileira de Bancos, mantendo, entretanto, a mesma sigla. Quase sempre, a direção da entidade de classe mais importante do empresariado brasileiro esteve nas mãos de bancos sediados em São Paulo. Além disso, outra importante característica é que ela é comandada por grandes bancos e instituições financeiras. Os bancos de pequeno e médio porte estão organizados em outra entidade, a Associação Brasileira de Bancos Comerciais (ABBC). Existe, ainda, uma entidade de caráter sindical a FENABAN que, em 1983, foi fundida com a FEBRABAN.

Em junho de 2000, 128 bancos estavam, através de suas associações, vinculados à FEBRABAN e, em fevereiro de 2002, este número reduziu-se para 117 instituições (resultado do processo de concentração/centralização), representando um total de mais de 90% das operações do setor financeiro no país.

### **PRESIDENTES DA FEBRABAN (1967-2009)**

<b>Presidente</b>	<b>Banco (Estado - Sede)</b>	<b>Período</b>
João Nantes Júnior	Itaú (SP)	1967-1970
Justo Pinheiro da Fonseca	Commind (SP)	1970-1974
Luiz de Moraes Barros	Itaú (SP)	1974-1977
Roberto Konder Bornhausen	Unibanco (SP)	1977-1980
Pedro Conde	BCN (SP)	1980-1983
Roberto Konder Bornhausen	Unibanco (SP)	1983-1986
Antônio de Pádua Rocha Diniz	Nacional (MG)	1986-1989
Leo Wallace Cochrane Júnior	Noroeste (SP)	1989-1991
Alcides Lopes Tápias	Bradesco (SP)	1991-1994
Maurício Schulman	Bamerindus (PR)	1994-1997
Roberto Egydio Setúbal	Itaú (SP)	1997-1998
Roberto Egydio Setúbal	Itaú (SP)	1998-2001
Gabriel Jorge Ferreira	Unibanco (SP)	2001-2003

Márcio Cypriano	Bradesco (SP)	2003-2005
Márcio Cypriano	Bradesco (SP)	2005-2007
Fábio Barbosa	ABN – Amro (Holandês)	2005-2007
Fábio Barbosa	Santander (Espanhol)	2007-2009

FONTE: Para os anos de 1967-2001: ELFLAY, Miranda. Federação Brasileira de Bancos: uma análise sociopolítica do período 1994-2001. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. Para os anos de 2001-2009: Elaboração própria.

As principais fontes que serão utilizadas para análise do processo de internacionalização do sistema financeiro nacional e os seus desdobramentos sobre a dinâmica e a estrutura da FEBRABAN constam, fundamentalmente, dos Relatórios Anuais da Diretoria e dos discursos dos presidentes e pronunciamentos dos presidentes da entidade.

O primeiro grande impacto do processo de internacionalização do sistema financeiro brasileiro sobre a FEBRABAN deu-se ainda na gestão de Maurício Schulman (1994-1997).

Quando o presidente do Banco Bamerindus assume a presidência da entidade, em 1994, assumem com Maurício Schulman mais 14 banqueiros, que irão compor a Diretoria Executiva da FEBRABAN.

#### **DIRETORIA EXECUTIVA DA FEBRABAN (1994):**

<b>Diretor</b>	<b>Banco</b>	<b>Capital</b>	<b>Ranking</b>	<b>Cargo</b>
Maurício Schulman	Bamerindus	N	6º	Presidente
Roberto Egydio Setúbal	Itaú	N	5º	Vice-Presidente
José Afonso Sancho	Banfort	N	-	Vice-Presidente
José Augusto de Queiroz	Antonio de Queiroz	N	-	Tesoureiro
Ageo Silva	Bradesco	N	3º	Diretor
Antonio Carlos Castrucci	Paulista	N	-	Diretor
Carlos Alberto Vieira	Safra	N	-	Diretor

Gabriel Jorge Ferreira	Unibanco	AE	8º	Diretor
Germano de Brito Lyra	Nacional	N	7º	Diretor
Henrique Meirelles	Bank of Boston	E	-	Diretor
Norberto Pinto Barbedo	BCN	N	10º	Diretor
Paulo G. L. Ribeiro	Real	N	9º	Diretor
Pedro Luiz de Toledo	Irmãos Guimarães	N	-	Diretor
Roberto Calmon	Econômico	N	-	Diretor
Roberto R. de Almeida	BMD	N	-	Diretor

FONTE: ELFLAY, Miranda. Federação Brasileira de Bancos: uma análise sociopolítica do período 1994-2001. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

Grandes grupos financeiros faziam parte da composição da Diretoria Executiva da FEBRABAN, como é o caso do Bradesco, Itaú, Nacional, Unibanco e do próprio Bamerindus, que tinha a direção da entidade. Contudo, o que chama a atenção é o fato de que apenas um banco estrangeiro fazia parte da Diretoria Executiva, que era o Bank of Boston, representado por Henrique de Campos Meirelles, futuro presidente do Banco Central.

No seu discurso de posse, Schulman fez críticas ao que definiu como “excesso de regulamentação” do sistema financeiro brasileiro, aproveitando, ainda, para colocar de forma clara o apoio da FEBRABAN ao processo de privatizações que, segundo o novo presidente da entidade, servem “para modernizar o Estado” (MIRANDA, 2005: 91).

É importante destacar que o mandato de Schulman coincide com o início do processo de reformas do Estado brasileiro a partir do governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002). Entre estas reformas, destaca-se o processo de reestruturação bancária, que resultou em uma forte concentração e internacionalização do sistema financeiro nacional.

O ano de 1997 seria marcado, como vimos, por algo inédito na história bancária e financeira recente do Brasil: pela primeira vez, um grande banco estrangeiro, o inglês HSBC, receberia permissão para a aquisição de uma grande instituição financeira

nacional, o banco Bamerindus que, juntamente com o Nacional e o Econômico haviam sofrido intervenção do Banco Central e seriam vendidos para outras instituições. O que chama a atenção é o fato de que a FEBRABAN não se pronuncia oficialmente sobre os fatos.

Porém, o que é mais importante para este trabalho é que o primeiro grande banco estrangeiro, o HSBC, comprou justamente o Bamerindus, banco que ocupava a diretoria da FEBRABAN. E isso resultará em uma forte mudança na entidade: Maurício Schulman não conseguiria concluir o seu mandato à frente da FEBRABAN. Assim, podemos observar diretamente o processo de internacionalização do sistema financeiro brasileiro repercutindo na estrutura e na dinâmica da FEBRABAN.

O que ocorre é que, a partir de 2 de abril de 1997, uma nova diretoria assume a entidade, com o objetivo de encerrar, em 3 de março de 1998, o mandato iniciado por Schulman e pelo Bamerindus.

Em função da intervenção dos bancos, a nova diretoria, tendo o banqueiro Roberto Egydio Setúbal (Itaú) na presidência, tem o número de diretores-executivos diminuído de 15 para 11. O que podemos perceber com esse mandato “tampão” é que os grandes bancos novamente comandam a entidade e que o número de bancos estrangeiros ainda permanece o mesmo: apenas uma entidade, com o Citibank substituindo o Bank of Boston na Diretoria Executiva.

Segundo MIRANDA, “nos 11 meses, à frente da diretoria da FEBRABAN, Setúbal passou a se dedicar quase que exclusivamente com a abertura financeira do país e a entrada de bancos estrangeiros no sistema financeiro nacional” (MIRANDA, 2005: 109).

No Relatório de Atividades de 1997, a autorização para a abertura e a expansão dos bancos estrangeiros e a privatização dos bancos estaduais seriam de grande importância para a solidez do sistema financeiro. O que podemos perceber é que, até então, o processo de internacionalização é ainda visto como algo extremamente positivo, apesar da compra do Bamerindus pelo HSBC.

A partir de 1998, a posição da FEBRABAN e dos banqueiros brasileiros frente ao processo de internacionalização começa a mudar. Setúbal chamaria a atenção para que a entrada de bancos estrangeiros fosse um pouco mais restrita.



No início de 1998, o mandato “tampão” chegaria ao fim e Setúbal seria reeleito presidente da FEBRABAN. Se na diretoria anterior o processo de internacionalização não seria notado na composição dos membros da Diretoria Executiva, permanecendo o mesmo da gestão anterior, com apenas um banco, nesta nova diretoria a estrutura seria alterada em função dos bancos estrangeiros.

#### **DIRETORIA EXECUTIVA DA FEBRABAN (1998-2001)**

<b>Diretor</b>	<b>Banco</b>	<b>Capital</b>	<b>Ranking</b>	<b>Cargo</b>
Roberto Egydio Setúbal	Itaú	N	4°	Presidente
Paulo G. Lobato Ribeiro	Real	N	7°	Vice-Presidente
Gabriel Jorge Ferreira	Unibanco	AE	5°	Vice-Presidente
Roberto Rodrigues	BMD	N	-	Tesoureiro
Ageo Silva	Bradesco	N	3°	Diretor
Antonio Beltran Martinez	BBA Creditanstalt	N	-	Diretor
Alberto de Almeida Pais	CEF	Es	2°	Diretor
Alcides S. Amaral	Citibank	E	-	Diretor
Antonio Carlos Castrucci	Paulista	N	-	Diretor
Bernard C. Paul Mencier	CCF Brasil	E	-	Diretor
Carlos Alberto Vieira	Safra	N	10°	Diretor
Hélio Ribeiro Duarte	HSBC-Bamerindus	E	-	Diretor
Hugo Dantas Pereira	Banco do Brasil	Es	1°	Diretor
Joaquim Carneiro Gomes	Mercantil do Brasil	N	-	Diretor
Murillo Braga de Carvalho	Fleming Graphus	E	-	Diretor
Raul Carlos Pereira B.	Mercantil-Finasa	N	-	Diretor

FONTE: ELFLAY, Miranda. Federação Brasileira de Bancos: uma análise sociopolítica do período 1994-2001. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

Duas coisas chamam a atenção nesta nova composição dos quadros da Diretoria Executiva da FEBRABAN. A primeira delas é o aumento de 11 para 16 os cargos de direção na entidade. O segundo é a presença de dois bancos estatais: o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal (CEF) que, na época, eram os dois maiores bancos do Brasil por total de ativos, liderando o ranking de bancos. O terceiro, para este trabalho, especificamente, é o mais importante: trata-se do sensível aumento da participação de bancos estrangeiros na direção da FEBRABAN. Se nas duas últimas gestões havia apenas um banco estrangeiro na direção, nesta gestão são nada menos do que 4 bancos (dentre eles o Bamerindus que agora pertenceria ao inglês HSBC), sem levar em consideração o Unibanco que sempre esteve representado na direção da FEBRABAN, tendo já ocupado a presidência da entidade, e que possui associação com o capital internacional. Esta mudança traz justamente o reflexo da entrada dos bancos estrangeiros a partir da segunda metade da década de 1990.

Em seu discurso de posse do segundo mandato, Setúbal elogia a política econômica, as privatizações dos bancos estaduais e ainda a entrada dos bancos estrangeiros, considerando ainda a idéia de que estes trariam “maior solidez” ao sistema financeiro.

Contudo, neste ano de 1998 a venda do Banco Real para o holandês ABN-Amro traria fortes alterações nos discursos dos banqueiros brasileiros.

Em 1971, ainda sob o nome de Banco Holandês Unido da América do Sul, iniciou suas atividades no Brasil, abrindo sua primeira filial na cidade de Santos e, logo, depois, no Rio de Janeiro. Entre 1963 e 1970, ampliou sua presença no Brasil, adquirindo 100% das ações da Aymoré Créditos S.A.

Em junho de 1998, no mês de junho, o ABN-Amro Bank adquiriu 40% do capital votante (ações ordinárias) e 70% do capital total (ações preferenciais) da holding Real S.A. Em novembro do mesmo ano, o Conselho Monetário Nacional aprovou a venda da totalidade das ações ordinárias para o ABN-Amro. A aquisição incluía o Banco Real S.A., a Companhia Real de Crédito Imobiliário e a Companhia Real de Valores – DTVM, em um total de dez áreas de negócios.

A venda do Banco Real (o quarto maior banco do país na época) para o holandês ABN-Amro Bank por US\$ 2 bilhões, anunciada um dia após a vitória do Brasil sobre a Holanda na semi-final da Copa do Mundo da França, indicava uma particularidade: pela

primeira vez, um grande banco nacional em excelentes condições financeiras foi adquirido por um gigante estrangeiro (o ABN-Amro Bank era o oitavo maior banco do mundo, presente em 71 países, sendo o maior banco estrangeiro a operar nos EUA).

A operação de venda do Real para um banco estrangeiro gerou grande insatisfação por parte dos banqueiros brasileiros. Hugo Dantas Pereira, Diretor da FEBRABAN, cobrou do governo um posicionamento claro sobre o que se pretendia com a reestruturação do sistema financeiro brasileiro. Roberto Setúbal, presidente da FEBRABAN e do Banco Itaú, criticou duramente o negócio. Em nome da entidade de classe, sugeriu que deveriam ser discutidos limites para a entrada de bancos estrangeiros no país. Em nome do grupo Itaú, acusou o banqueiro Aloysio Faria, antigo dono do Real, de não ter dado oportunidade de oferta para os bancos nacionais para a compra do Real. Logo após as críticas de Setúbal, outro grande banqueiro brasileiro, Lázaro de Mello Brandão, presidente do Bradesco, endossou as críticas à operação de venda do Real, que classificou como “pouco transparente”, acusando o governo e, principalmente, o Banco Central de favorecimento ao capital estrangeiro.

Pouco depois, em novembro de 1998, o ABN-Amro compraria 99,7% das ações do Banco do Estado de Pernambuco (BANDEPE), o que indicava outra particularidade: pela primeira vez, um banco estrangeiro participaria do Programa de Incentivo à Redução do Setor Público Estadual na Atividade Bancária (PROES).

O processo de internacionalização do sistema financeiro brasileiro seria ainda aprofundado com a entrada do Banco Santander. Entretanto, tal análise fugiria aos propósitos iniciais deste trabalho.

## ***Conclusão***

O que podemos depreender deste processo é que a internacionalização do sistema financeiro brasileiro teve fortes impactos sobre a estrutura e a dinâmica da FEBRABAN.

Logo de início, com a entrada do banco inglês HSBC a partir da compra do Bamerindus a direção da entidade teria de ser alterada, pois o então presidente, Maurício Schulman, era também presidente do banco paranaense, que sofrera intervenção do Banco Central.

Também podemos concluir que a questão da internacionalização do sistema financeiro sempre esteve em pauta nos relatórios da entidade e nos discursos de seus presidentes. De início o processo foi visto de maneira quase que unicamente positiva, muito em função do sistema financeiro ser fortemente articulado com o capital internacional, ao contrário de outros setores da economia. Porém, como vimos, este processo passou a ser visto de maneira mais atenta pela FEBRABAN, chegando a alguns momentos a ser criticado, como foi visto claramente com a venda do Banco Real para o holandês ABN-Amro.

## ***Bibliografia***

ARRIGHI, G. *O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BIONDI, A. *O Brasil Privatizado: um balanço do desmonte do Estado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

BRAGA, J. C. S. Financeirização Global: o padrão sistêmico de riqueza no capitalismo contemporâneo. IN: TAVERES, M. da C. e FIORI, J. L. F. *Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHESNAIS, F. A Emergência de um Regime de Acumulação Mundial Predominantemente Financeiro. IN: *Praga: Estudos Marxistas*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Mundialização Financeira: gênese, custos e riscos*. São Paulo: Xamã, 1998.

\_\_\_\_\_. A Teoria do Regime de Acumulação Financeirizado: conteúdo, alcance e interrogações. IN: *Economia e Sociedade*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org) *A Finança Mundializada: raízes sociais e políticas, configuração e consequência*. São Paulo: Boitempo, 2005.

COUTINHO, H. S. e AMARAL, F. H. O impacto do aumento da participação do capital estrangeiro no setor bancário brasileiro: análise de variáveis selecionadas. IN: *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, Vol. 37, 2003.

FILGUEIRAS, L. O neoliberalismo no Brasil: estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico. *Neoliberalismo y Sectores Dominantes: tendencias globales y experiencias nacionales*. IN: BASUALDO, E. M.; ARCEO, E. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. Agosto, 2006.

FREITAS, M. C. P. e PRATES, D. M.. *Abertura Financeira no Brasil nos Anos 90*. São Paulo: FAPESP/FUNDAP/IPEA, 1999.

MINELLA, A. *Banqueiros: Organização e Poder Político no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/ANPOCS, 1988.

\_\_\_\_\_. Elites Financeiras, Sistema Financeiro e o Governo FHC. IN: RAMPINELLI, W. J. e OURIQUES, N. D. *No Fio da Navalha: crítica das reformas neoliberais de FHC*. São Paulo: Xamã, 1997.

\_\_\_\_\_. Reforçando a Hegemonia Financeira Privada: a privatização dos bancos estaduais. IN: FERREIRA, A. C. e ALVIM, V. *A Trama da Privatização: a reestruturação neoliberal do Estado*. Florianópolis: Insular, 2001.

\_\_\_\_\_. Maiores Bancos Privados no Brasil: um perfil econômico. IN: *Sociologias*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

ELFLAY, Miranda. Federação Brasileira de Bancos: uma análise sociopolítica do período 1994-2001. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

VIDOTTO, C. A. *Sistema Financeiro Brasileiro nos Anos 90: um balanço das reformas estruturais*. Tese (Doutorado em Ciência Econômica). Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, 2002.